



Vamos rever o tema *agressão?*



Armando Correa*

Antes mesmo de apontar vítimas e culpados sobre o caso australiano *Zangief Kid*, que envolveu diretamente duas crianças em atos agressivos e violentos, é fundamental que se estabeleça oportunamente a reflexão que permita analisar, com honestidade, e com maior alcance, alguns aspectos presentes na agressividade existente no ser humano, o *homo sapiens* modernizado, mas em formação social que requer mais avanços evolutivos, apesar do que já conquistou até agora.

Para tanto, vale a pena recorrer aos estudos realizados nas últimas décadas, os quais apontam o homem como um ser ainda dotado de estruturas cerebrais primitivas cujas funções estão relacionadas à sua sobrevivência. Ou seja, quer se goste ou não, não somos o bom selvagem poetizado por Jean-Jacques Rousseau no século XVIII, vítima

da sociedade que corrompe sem qualquer escrúpulo.

A nossa natureza nos predispõe ao desencadeamento de comportamentos agressivos variados, por vezes impensados, diante de determinada combinação de fatores. Não somos meramente bichos descontrolados, é claro que não. Apenas não se pode defender a tese de que somos anjos mal resolvidos. Tampouco se defende aqui a permissividade da agressão natural apenas pela compreensão inevitável de que as informações genéticas milenares estão entranhadas em nós em tom determinista.

O psicólogo evolucionista estadunidense Steven Pinker, por exemplo, vem estudando a violência humana há considerável tempo. Ele alega que a maior dificuldade de compreensão a esse respeito é que há significativa resistência por trás das muitas trincheiras sociais cuja crença no homem puramente bom, porém desvirtuado na sua trajetória natural, impede que se pense de modo mais crítico, levando o mito ao seu infeliz fortalecimento. Assim, emplaca-se continuamente a ideia de que as causas da violência, a serem combatidas, encerram-se apenas nos sistemas sociais e nos projetos de educação, sentenciando, pois, a crucificação de muitos pais (vários são exemplarmente bons!) em relação a seus filhos. É evidente que o sistema inade-

... não somos o bom selvagem poetizado por Jean-Jacques Rousseau no século XVIII, vítima da sociedade que corrompe sem qualquer escrúpulo.

quado contribui ao desencadear certas informações contidas nos genes. Somem-se à receita os disparos fisiológicos decorrentes, e o impulso agressivo emerge em vários formatos. Mas eis que o DNA se mostra qual um importante protagonista na novela da convivência que ainda requer altruísmo e bom-senso.

A tudo isso, acrescente-se o fato de experimentarmos transformações individuais e coletivas cada vez mais rapidamente frente aos avanços tecnológicos, enxurradas de informações e aumento populacional de quase sete bilhões de habitantes ao redor do globo competindo por uma vaga de trabalho, sem falar nos que disputam itens básicos, como água e comida, cotidianamente - uma perigosa combinação que pode levar a inaptações, resistências e toda sorte de efeitos que variam enormemente. Não há uma resposta pronta: existem ponderações a respeito (fontes científicas oferecem mais sustentação e minimizam a margem de erro).

Então, sem atirar a pedra da pretensa justiça no garoto Richard Gale, nem depositar a

capa do heroísmo no jovem Casey Heynes, as intervenções sociais deveriam repensar a forma de controle contra tais abusos de forma objetiva e eficaz, é óbvio. E, por outro lado, valendo-se do poder da educação, muitas escolas poderiam direcionar aos seus alunos o conhecimento acerca da sua real natureza, na tentativa de estimulá-los à reflexão sobre a própria condição em que se encontram (reduzindo o autoengano a respeito da santidade terrena), ponto de partida para mudanças internas fundamentais, capazes de, um tanto que seja, acompanhar outras conquistas obtidas. ■

*Psicólogo, palestrante, professor e mestre em Liderança

selfcursos@uol.com.br